

GEODIVERSIDADE E TOPONÍMIA EM TRILHAS E BACIAS HIDROGRÁFICAS: UM ESTUDO DE CASO EM PETRÓPOLIS, REGIÃO SERRANA DO RJ

Bruno César dos Santos¹

Fernando Amaro Pessoa²

1 - Secretaria de Educação de Petrópolis

2 - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Resumo

No percurso das trilhas, é comum o destaque dado aos nomes dos cumes e rios por onde elas passam. Os nomes contribuem para a compreensão das suas principais características que são resultantes de processos de evolução geológica ou geomorfológica. Esses nomes geográficos podem ser incorporados de diferentes formas, seja na cartografia da área e/ou na apropriação verbal realizada pela população local, o que nos leva ao debate sobre toponímia e geodiversidade em trilhas. Assim, para contribuir com a reflexão sobre a interação entre sociedade e natureza, a partir de processos históricos de percepção e apropriação do ambiente, o presente trabalho propõe a caracterização da geodiversidade e a caracterização toponímica dos cumes e rios da bacia do rio Itamarati, em Petrópolis.

Palavras-chave: geodiversidade; toponímia; Cartografia; trilhas.

Abstract

Along the trails, it is common to highlight the names of the peaks and rivers it passes through. The names contribute to the understanding of its main characteristics which are the result of processes of geological/geomorphological evolution. These geographic names can be incorporated in different ways, either in the area's cartography or in the verbal appropriation carried out by the local population, which leads us to the debate on toponymy and geodiversity in trails. Thus, to contribute to the reflection on the interaction between society and nature from historical processes of perception and appropriation of the environment, this paper proposes the characterization of geodiversity and toponymic characterization of the peaks and rivers of the Itamarati river basin, in Petrópolis.

Keywords: geodiversity; toponymy; Cartography; trails.

INTRODUÇÃO

As trilhas constituem, muitas vezes, o principal vetor de uso público em áreas protegidas, permitindo um maior contato dos visitantes com os ecossistemas e com as diferentes perspectivas da paisagem. Em seus percursos, é comum o destaque dado aos nomes dos cumes e rios, por onde elas passam, os quais são resultantes de processos de evolução geológica (ou geomorfológica). Os nomes contribuem para a compreensão das principais características do relevo. Eles podem ser incorporados de diferentes formas, seja na cartografia da área e/ou na apropriação verbal, realizada pela população local; o que nos leva ao debate sobre toponímia e geodiversidade em trilhas. Dessa forma, é possível refletir sobre uma interação entre sociedade e

natureza, a partir de processos históricos de percepção do ambiente, evidenciando conceitos geográficos, tais como: escala, paisagem e território. Assim, estudos que levem em consideração a geodiversidade e a toponímia em trilhas, tendo como recorte espacial as bacias hidrográficas em que estão inseridas, são de suma importância; possibilitando, ainda, uma maior integração entre a pesquisa científica e os diferentes setores da sociedade.

A geodiversidade é representada pela variedade de rochas, minerais, fósseis, formas de relevo, sedimentos, solos e hidrografia, juntamente com os processos naturais que os formam e alteram. Esses elementos fornecem a base para a vida na Terra, além de manter o capital natural e os serviços ecossistêmicos (GRAY, 2013; CROFTS et al., 2020).

A toponímia é a ciência dedicada ao estudo dos nomes geográficos, constituindo-se como um ramo da Onomástica, área de estudo da origem e da transformação dos nomes próprios (SANTOS, 2008; SOUZA, 2014; DIAS, 2016). Cerrón-Palomino (2015) aponta o caráter interdisciplinar da toponímia, destacando as áreas de Geografia, História, Arqueologia, Filologia e Linguística, como contempladas nessa discussão. Villalón (2013) define o estudo da toponímia como o resultado de um complexo grupo de fatores, dentre os quais destacam-se os geográficos, linguísticos, idiomáticos, culturais, sociais, econômicos e etnográficos. A autora ainda enfatiza que a nomeação é um processo de criação popular e espontâneo, onde estabelecem-se as distinções de características particulares, sendo elas, nacionais, idiomáticas e/ou históricas.

Menezes e Santos (2006) indicam que os nomes geográficos são como testemunhos do povoamento e da ocupação, registrando e sinalizando as ações de diferentes povos, culturas e grupos linguísticos. Corrêa (2003) afirma que o topônimo, termo utilizado para expressar os nomes geográficos, constitui importante marca cultural, expressando uma forma afetiva de apropriação do espaço por um determinado grupo cultural, sendo uma marca identitária importante. Santos (2008) apresenta discussão sobre o termo geoníma, onde o mesmo pode ser entendido como nome próprio de lugares e acidentes geográficos, tal como toponímia e topônimo, mas acrescido de coordenadas referentes ao mesmo. O autor considera ainda que o prefixo "geo" (que corresponde a "Terra"), do ponto de vista conceitual, é mais específico e melhor caracteriza os fenômenos que ocorrem na superfície terrestre, passíveis de posicionamento geográfico.

Destaca-se a existência de estudos recentes sobre toponímia, especificamente, na Região Serrana (SOUZA, 2014; SANTOS, 2017), mas que a abordagem versa sobre a colonização e o processo histórico de formação das cidades de Petrópolis e Teresópolis, ambas na Região Serrana do estado do Rio de Janeiro. No Brasil, existem trabalhos que abordam topônimos de acidentes geográficos (SCHNEIDER, 2002; DIEDRICH, 2020). Contudo, para a Região Serrana, há uma escassez de pesquisas no que diz respeito a essa abordagem toponímica, justificando o interesse e esforço presentes nesse trabalho.

As trilhas representam uma integração entre vários aspectos, a partir de uma abordagem geossistêmica, não servindo apenas como passagem para se chegar a determinado lugar, mas sim, como uma possibilidade de inserção no ambiente, a partir de diferentes experiências e perspectivas da paisagem. Assim:

[...] a trilha é um componente dinâmico e diversificado da paisagem, modificada em cada um dos seus setores ao longo do tempo. Não é homogênea, tem segmentos

diferenciados em seu trajeto, conseqüentes da interação entre seus vários elementos fisiográficos, de caráter biótico (dossel das árvores, sistema de raízes, serrapilheira, animais silvestres e peçonhentos, cupinzeiros, formigueiros etc.), abiótico (rochas, solo, hidrografia, topografia etc.) e antrópico (infraestrutura de degraus, rampas, pontes, canaletas, corrimãos, sistemas de placas sinalizadoras, painéis interpretativos etc.). (COSTA e OLIVEIRA, 2018, p. 210)

Nesse contexto, conectar paisagens e áreas protegidas, por meio das trilhas de longo curso, apresenta-se como um instrumento de conservação, de geração de emprego e renda e ainda, de promoção de recreação e de lazer; promovendo uma integração entre valores históricos, culturais e naturais, em seus percursos (CUNHA et al., 2020).

A partir do potencial de aprimoramento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, já realizadas nas trilhas do Parnaso (PITZER et al., 2020); e também, das possibilidades de atividades de interpretação ambiental, que levem em consideração a sua geodiversidade (PESSOA, 2019), o presente estudo possui o objetivo de realizar um inventário toponímico dos cumes da trilha da Travessia Cobiçado-Ventania, em diferentes bases cartográficas, bem como da bacia hidrográfica em que ela está inserida, no município de Petrópolis, juntamente com a caracterização da sua geodiversidade, a partir de aspectos geológicos e, mais especificamente, geomorfológicos.

ÁREA DE ESTUDO

A "Travessia Cobiçado-Ventania" está localizada no município de Petrópolis, Região Serrana do Rio de Janeiro; e possui acesso pelo bairro do Caxambu, importante área produtora de hortaliças, distante cerca de 5 km do centro do município.

Um dos trechos da trilha de longo curso Caminhos da Serra do Mar fica nos limites do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO) (ICMBio, 2016), com as partes de entrada e saída, inseridas na Área de Proteção Ambiental de Petrópolis (APA Petrópolis). Seu percurso possui aproximadamente 12 km de extensão, com 900 metros de ganho de altitude, o que a torna uma caminhada semi-pesada, com duração estimada entre 5 e 8 horas (NETO, 2008), possibilitando diferentes perspectivas da paisagem (Figura 1).



Figura 1. Perspectivas da paisagem ao longo da trilha da Travessia Cobiçado-Ventania. Acervo dos autores.

A caminhada passa por 5 cumes: Cobiçado, Vândalos (ponto culminante, com 1.715m) (Figura 2), Pedra do Diabo, Tridente e Alto da Ventania; e segue, em parte, por uma crista que representa o limite municipal entre Petrópolis e Magé; sendo ainda, o divisor de duas regiões hidrográficas: a do Piabanha, representada pela bacia do rio Itamarati, ao norte, de onde podem ser observados vários aspectos do domínio serrano; e a da Baía de Guanabara, ao sul, onde destaca-se a paisagem com o desnível abrupto da escarpa serrana; podendo ser observada, em dias de céu limpo, a baixada da Baía de Guanabara e seus maciços costeiros.

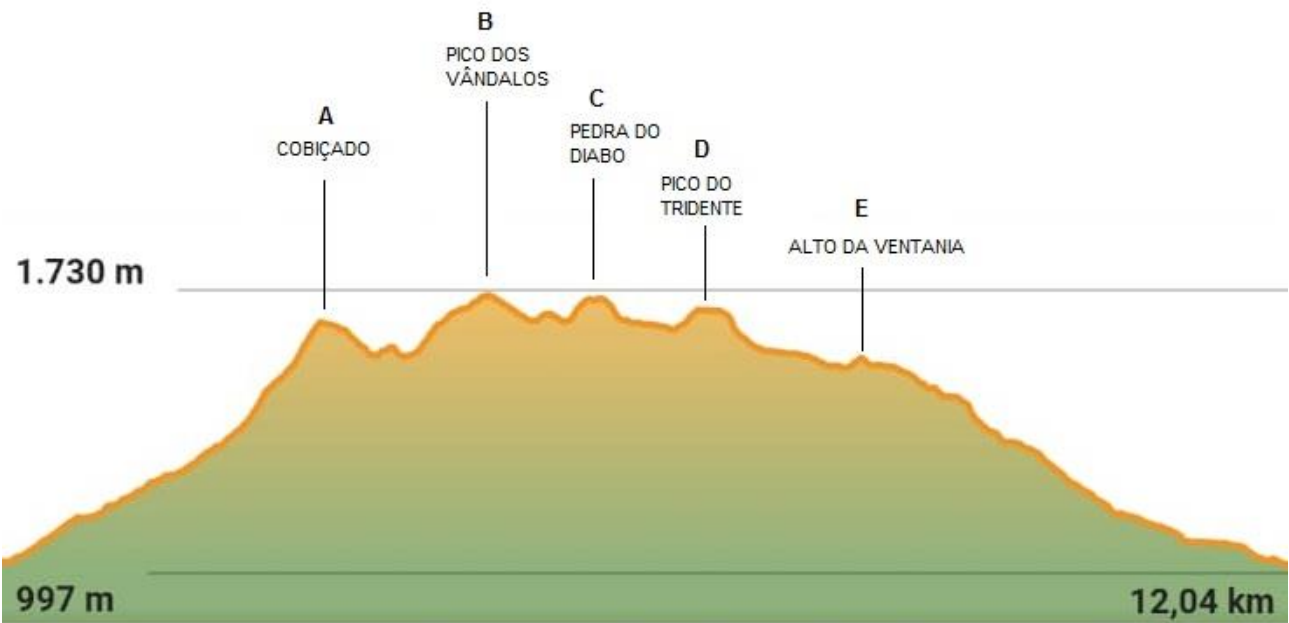


Figura 2. Percurso da trilha da Travessia Cobiçado-Ventania e seus cumes. Fonte: Wikiloc (s.d.).

A bacia do Rio Itamarati possui aproximadamente 46,22 km² e está totalmente inserida no município de Petrópolis. De acordo com Montes et al. (2019), a mesma possui 22% do seu território inserido em Áreas de Preservação Permanente (APP); e as classes preponderantes de uso do solo encontradas são: Áreas Naturais Florestais (73,98%) e Áreas Antrópicas Agrícolas (15,45%). As principais nascentes da bacia estão protegidas, por estarem inseridas nos limites do PARNASO. Os principais corpos hídricos da bacia são: o córrego das Três Pedras, o córrego da Ponte de Ferro, o rio Caxambu e rio Itamarati (MONTES et al., 2019).

METODOLOGIA

Com base no Mapa de Geodiversidade do Estado do Rio de Janeiro (DANTAS et al., 2020), foi confeccionado um mapa dos padrões de relevo da bacia do rio Itamarati, onde está inserida a Travessia Cobiçado-Ventania, localizada no bairro do Caxambu, em Petrópolis (estado do Rio de Janeiro); e um dos trechos da trilha de longo curso Caminhos da Serra do Mar. A opção pelos padrões de relevo, na construção do mapa, se deve ao maior detalhamento, associado à possibilidade de articulação entre a formação dos cumes e das bacias hidrográficas, a partir dos processos geológicos e geomorfológicos. A construção deste mapa teve como base a aquisição de informações disponibilizadas no Repositório Institucional de Geociências do Serviço Geológico do Brasil (RIGEO) (CPRM, s.d.). Já a caracterização dos rios e das bacias hidrográficas, teve como base as informações disponíveis no Portal GEOInea (INEA, s.d.) e no Atlas da Região Hidrográfica IV - Piabanha (MONTES et al., 2019).

Para a inventariação toponímica, foram consideradas as cartas topográficas do IBGE (1979), em escala 1:50.000, elaboradas na década de 1970 e disponibilizadas no acervo digital da instituição (IBGE, s.d.). A pesquisa dos topônimos ocorreu a partir das folhas SF-23-Z-B-IV-2 (Petrópolis) e SF-23-Z-B-I-4-MI-2715-4 (Itaipava), uma vez que a área de estudo está inserida em ambas. A partir da aquisição das folhas, foi feito o processo de georreferenciamento, utilizando as coordenadas de canto, contidas nas mesmas (folha Petrópolis – 22° 30'; 43° 15' / 22° 30'; 43° 00' / 22° 45'; 43° 15' / 22° 45'; 43° 00'), (folha Itaipava - 22° 15'; 43° 15' / 22° 15'; 43° 00' / 22° 30'; 43° 15' / 22° 30'; 43° 30'). Dessa forma, puderam ser obtidos não só os topônimos da área de estudo, bem como as suas coordenadas.

Além disso, foi utilizada a base digital do OpenStreetMap© (OSM, s.d.), para inventariação dos topônimos identificados na escala de visualização equivalente às das cartas topográficas, a fim de estabelecer uma comparação entre os topônimos representados em ambas as bases. A escolha de levantamento, a partir da base do OSM, decorreu do fato de ser uma base aberta, que possibilita a inserção de dados de diferentes usuários, além de ser uma base de dados e informações atualizada.

Para o presente trabalho, foram considerados como pontos de interesse os cumes, os rios e as bacias hidrográficas, que estão inseridos na área de estudo. Tais informações foram organizadas em mapas e tabelas com os dados levantados, estabelecendo a comparação, a partir

das diferentes ferramentas, bem como o próprio topônimo utilizado em relação aos cumes e rios, identificados e classificados com base nas taxinomias propostas por Dick (1990).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Padrões de Relevo

Para a caracterização e detalhamento da geodiversidade da trilha da Travessia Cobiçado-Ventania e da sub-bacia hidrográfica do rio Itamarati (onde está inserida), foram utilizados os padrões de relevo propostos na Carta Geomorfológica do município de Petrópolis (SHINZATO et al., 2017).

A sub-bacia do rio Itamarati está inserida na Unidade Morfoestrutural Cinturão Orogênico do Atlântico, na Unidade Morfoescultural dos Planaltos Residuais e na Unidade Geomorfológica do Planalto Reverso da Região Serrana (DANTAS et al., 2020), com a presença de oito padrões de relevo, dos quais destacam-se o Domínio Serrano e o Domínio Alto-Serrano, conforme mostrado na Figura 3 e a Tabela 1.

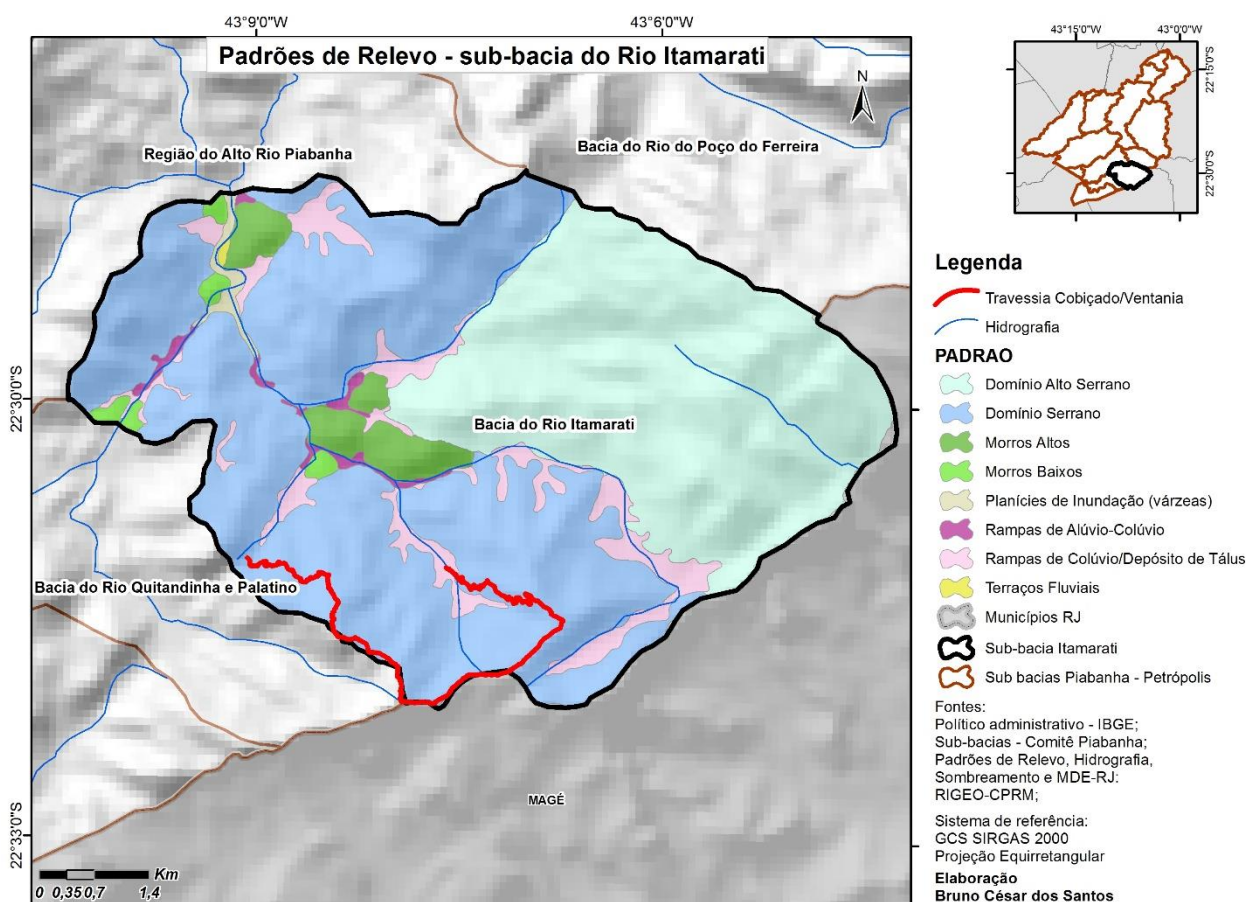


Figura 3. Mapa dos padrões de relevo da sub-bacia do rio Itamarati e da trilha da Travessia Cobiçado-Ventania. Fonte dos dados: Repositório Institucional de Geociências do Serviço Geológico do Brasil - RIGEO (CPRM, s.d.); Shinzato et al. (2017).

PADRÕES DE RELEVO - SUB-BACIA DO RIO ITAMARATI		
PADRÃO	ÁREA (ha)	%
Domínio Alto Serrano	1686,45	36,48
Domínio Serrano	2316,89	50,12
Morros Altos	173,7	3,76
Morros Baixos	46,78	1,01
Planícies de Inundação (várzeas)	30,84	0,67
Rampas de Alúvio-Colúvio	42,1	0,91
Rampas de Colúvio/Depósito de Tálus	322,39	6,97
Terraços Fluviais	3,2	0,07
Total	4622,35	

Tabela 1. Padrões de relevo da sub-bacia do rio Itamarati

Fonte dos dados: Repositório Institucional de Geociências do Serviço Geológico do Brasil - RIGEO (CPRM, s.d.); Shinzato et al. (2017).

O percurso da trilha passa predominantemente pelo padrão de relevo Domínio Serrano, com a presença de Rampas de Colúvio/Depósitos de Tálus, nos últimos quilômetros, os quais destacam-se pelas seguintes características, de acordo com Shinzato et al. (2017):

- Domínio Serrano: Relevo de aspecto montanhoso, muito acidentado, apresentando vertentes retilíneas a côncavas e topos de cristas alinhadas, aguçados ou levemente arredondados, com sedimentação de colúvios e tálus. Alta densidade de drenagem. Predominam vertentes de gradientes elevados, com ocorrência esporádica de paredões rochosos subverticais e pães-de-açúcar. Amplitude maior que 300 metros e declividade entre 20° e 45°.
- Rampas de Colúvio/Depósitos de Tálus: Superfícies deposicionais fortemente inclinadas, constituídas por depósitos de encosta, de matriz areno-argilosa a argilo-arenosa, ricas em blocos, muito mal selecionados, em interdigitação com depósitos suavemente inclinados das rampas de alúvio-colúvio. Ocorrem de forma disseminada nos sopés das vertentes íngremes das serras e escarpas. Amplitude variável e declividade entre 5° e 10°.

Também cabe ressaltar que o percurso da trilha, com destaque para o pico do Cobiçado, passa pelo divisor entre as regiões hidrográficas do Piabanha e da Baía de Guanabara, que corresponde em parte também com os limites municipais entre Petrópolis e Magé. Além disso, por mais que a trilha não passe por todos os padrões de relevo da bacia hidrográfica em que está inserida, nela é possível observar, de acordo com as condições climáticas presentes, paisagens que representam boa parte do padrão geomorfológico do estado do Rio de Janeiro.

Toponímia

Os topônimos inventariados, tanto a partir das cartas topográficas do IBGE, quanto do OpenStreetMap, foram espacializados conforme a Figura 4. Embora os topônimos de rios sejam representados ao longo da feição linear, foram consideradas as confluências, com fins ao estabelecimento dos pontos representativos dos topônimos para a hidrografia.

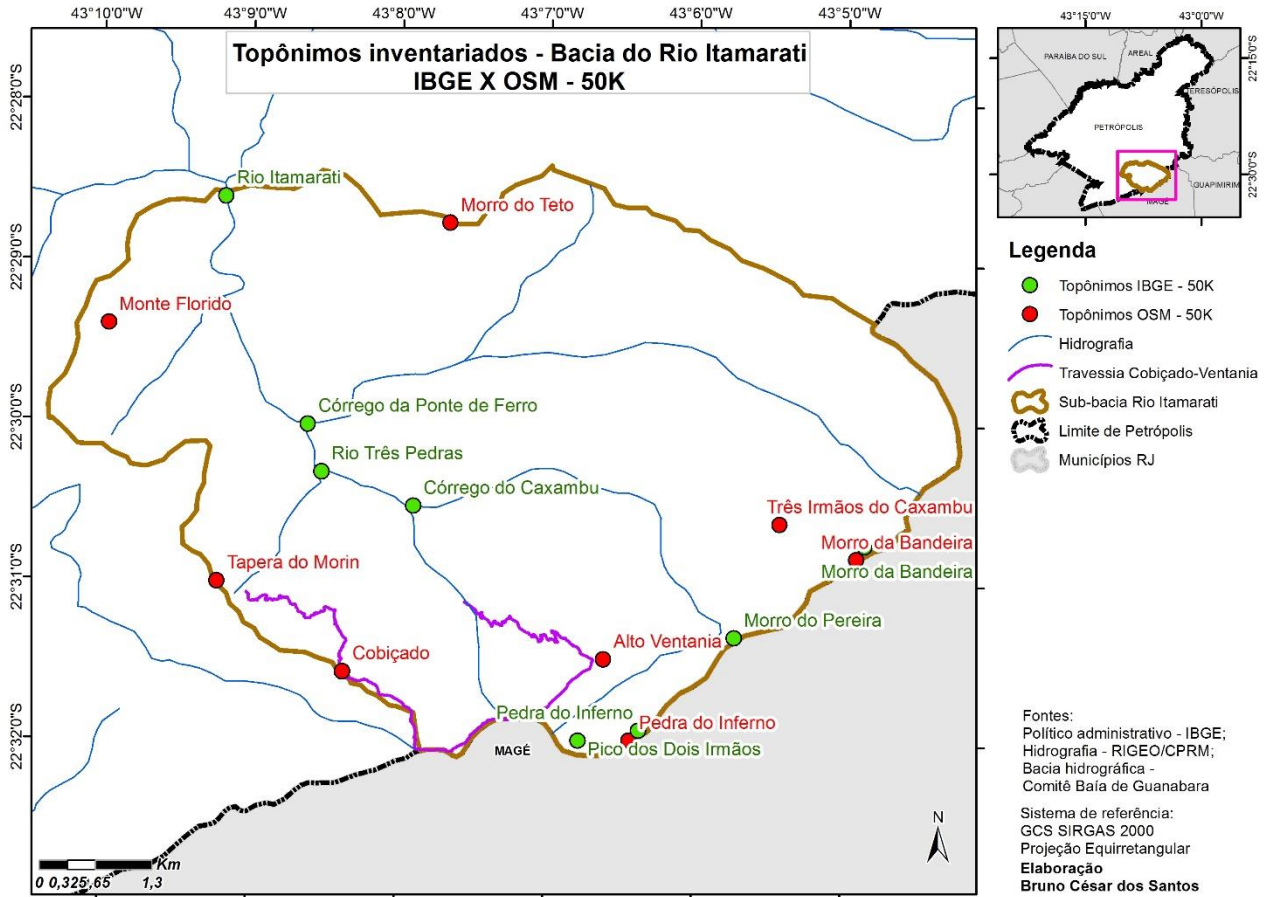


Figura 4. Distribuição dos topônimos inventariados a partir da base do IBGE (1979) e do OpenStreetMap (OSM, s.d.), na bacia do Rio Itamarati. Elaborado pelos autores.

Para a caracterização dos topônimos, inventariados a partir da metodologia proposta, foi realizada a sua classificação, tendo como base a taxionomia proposta por Dick (1990), conforme os Quadros 1 e 2.

TOPÔNIMO IBGE 50K	SUB-BACIA	NOME GENÉRICO	NOME ESPECÍFICO	TIPO	ORIGEM CULTURAL	MOTIVAÇÃO
Córrego da Ponte de Ferro	ITAMARATI	CÓRREGO	DA PONTE DE FERRO	RELEVO	PORTUGUESA	HODOTOPÔNIMO
Córrego do Caxambu	ITAMARATI	CÓRREGO	DO CAXAMBU	HIDROGRAFIA	AFRICANA	ERGOTOPÔNIMO
Morro da Bandeira	ITAMARATI	MORRO	DA BANDEIRA	RELEVO	PORTUGUESA	ERGOTOPÔNIMO
Morro da Bandeira	ITAMARATI	MORRO	DA BANDEIRA	RELEVO	PORTUGUESA	ERGOTOPÔNIMO
Morro do Pereira	ITAMARATI	MORRO	DO PEREIRA	RELEVO	PORTUGUESA	ANTROPOTOPÔNIMO
Pedra do Inferno	ITAMARATI	PEDRA	DO INFERNO	RELEVO	PORTUGUESA	ANIMOTOPÔNIMO
Pico dos Dois Irmãos	ITAMARATI	PICO	DOS DOIS IRMÃOS	RELEVO	PORTUGUESA	NUMEROTOPÔNIMO
Rio Itamarati	ITAMARATI	RIO	ITAMARATI	HIDROGRAFIA	TUPI	LITOTOPÔNIMO
Rio Três Pedras	ITAMARATI	RIO	TRÊS PEDRAS	HIDROGRAFIA	PORTUGUESA	NUMEROTOPÔNIMO

Quadro 1. Topônimos inventariados com base nas folhas Petrópolis e Itaipava – IBGE (1979) 1:50.000.

Fonte: elaborado pelos autores, com base em Souza (2014) e Dick (1990).

TOPÔNIMO OSM 50K	SUB-BACIA	NOME GENÉRICO	NOME ESPECÍFICO	TIPO	ORIGEM CULTURAL	MOTIVAÇÃO
Alto Ventania	ITAMARATI	ALTO	VENTANIA	RELEVO	PORTUGUESA	METEOROTOPÔNIMO
Cobiçado	ITAMARATI	NÃO CONSTA	COBIÇADO	RELEVO	PORTUGUESA	ANIMOTOPÔNIMO
Monte Florido	ITAMARATI	MONTE	FLORIDO	RELEVO	PORTUGUESA	FITOTOPÔNIMO
Morro da Bandeira	ITAMARATI	MORRO	DA BANDEIRA	RELEVO	PORTUGUESA	ERGOTOPÔNIMO
Morro do Teto	ITAMARATI	MORRO	DO TETO	RELEVO	PORTUGUESA	DIMENSOTOPÔNIMO
Pedra do Inferno	ITAMARATI	PEDRA	DO INFERNO	RELEVO	PORTUGUESA	ANIMOTOPÔNIMO
Tapera do Morin	ITAMARATI	TAPERA	DO MORIN	RELEVO	FRANCESA	ANTROPOTOPÔNIMO
Três Irmãos do Caxambu	ITAMARATI	NÃO CONSTA	TRÊS IRMÃOS DO CAXAMBU	RELEVO	PORTUGUESA	NUMEROTOPÔNIMO

Quadro 2. Topônimos inventariados com base no OpenStreetMap (OSM, s.d.) – escala de visualização 1:50.000.

Fonte: elaborado pelos autores, com base em Souza (2014) e Dick (1990).

Foram inventariados nove topônimos nas cartas topográficas do IBGE, enquanto que, na base do OpenStreetMap, foram oito topônimos. Nessa comparação direta, apenas dois topônimos foram repetidos nas duas bases utilizadas: os topônimos “Morro da Bandeira” e “Pedra do Inferno”.

Dos nove topônimos obtidos nas cartas do IBGE, sete têm origem cultural portuguesa; um, de origem africana; e um, do Tupi. Conforme aponta Souza (2014, p. 68), optou-se por utilizar o termo “origem cultural à origem etimológica, visto que se pretende considerar aspectos que vão para além da essência da palavra em si”. Além disso, seis topônimos referem-se ao relevo e três, à hidrografia. Quanto às taxinomias, foram encontradas tanto de natureza física, como de natureza

antropocultural, sendo elas: hodotopônimo (1), ergotopônimo (3), antropotopônimo (1), animotopônimo (1), numerotopônimo (2) e litotopônimo (1).

Já para o levantamento realizado a partir da base do OpenStreetMap, dos oito topônimos obtidos, sete têm origem portuguesa e um, francesa. Foi observado que todos os topônimos se referem ao relevo. Assim como os topônimos das cartas do IBGE, estes também apresentaram taxionomias, tanto de natureza física, quanto de natureza antropocultural, sendo elas: meteorotopônimo (1), animotopônimo (2), fitotopônimo (1), ergotopônimo (1), dimensiotopônimo (1), antropotopônimo (1) e numerotopônimo (1).

Apesar de 14 dos 19 topônimos inventariados ao todo nesse trabalho apontarem para feições relacionadas ao relevo, não foram observados topônimos relacionados às formas, como morfotopônimos e geomorfotopônimos, assim como não foram observados topônimos que fazem alusão ao formato de animais, como os zootopônimos, ou às partes dos animais ou humanos, como os somatopônimos. Essa observação é colocada, pois é comum os topônimos dos cumes fazerem referência aos elementos apontados anteriormente, bem como suas taxionomias, como os exemplos conhecidos na Região Serrana: “dedo de Deus”, “seio de Vênus”, “verruga de frade” e “cabeça de cavalo”.

Ressalta-se que boa parte desses topônimos já foram devidamente classificados e tiveram sua origem mencionada no trabalho de Souza (2014), utilizando a base cartográfica de Petrópolis na escala 1:10.000.

Chama a atenção a grande quantidade de topônimos de origem portuguesa, o que se justifica pela ocupação da localidade ter sido feita por imigrantes portugueses, originários dos Açores (ZANATTA, 2006). Em seu trabalho, Souza (2014) também identificou como sendo maioria os topônimos de origem portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa, foi possível avançar no desenvolvimento de uma metodologia que integre aspectos da geodiversidade e da geonímia, a fim de contribuir com a elaboração de roteiros de educação e interpretação ambiental em trilhas, a exemplo dos demais trechos dos Caminhos da Serra do Mar e outras trilhas, nos limites do Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

Para essas atividades, é possível apontar o potencial do aplicativo de celular PeakLens (<https://peaklens.com/>), o qual permite que o usuário descubra os nomes e localizações das montanhas ao seu redor durante a caminhada, ao identificar os cumes das montanhas e colinas em tempo real, fornecendo, além do topônimo, as cotas altimétricas.

Também cabe ressaltar que os desdobramentos da pesquisa incluem a realização de um levantamento do histórico dos nomes usados nos topônimos ao longo do tempo e em diferentes bases cartográficas disponíveis, o que contribui para o diálogo com diferentes atores que atuam no território, a exemplo das comunidades locais, de instituições de ensino, pesquisa e extensão, clubes de montanhismo, gestores e voluntários de unidades de conservação, além dos empreendedores do setor do turismo.

À equipe do projeto de extensão Expedições do CEFET-RJ, campus Petrópolis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CERRÓN-PALOMINO, R. **Toponímia andina: problemas y métodos**. Lexis, Lima, v. 39 , n. 1, p.183-197, 2015. Disponível em <<http://www.scielo.org.pe/pdf/lexis/v39n1/a06v39n1.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2021.
- CORRÊA, R. L. A **Geografia Cultural e o Urbano**. In: CORRÊA, R. L. e ROZENDAHL, Z. (org.). Introdução a Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2003. p. 167-187.
- COSTA, N.M.C.; OLIVEIRA, F.L. **Trilhas: “caminhos” para o geoturismo, a geodiversidade e a geoconservação**. In: GUERRA, A.J.T.; JORGE, M.C.O. Geoturismo, Geodiversidade e Geoconservação: abordagens geográficas e geológicas. São Paulo: Oficina de Textos, 2018.
- CPRM - COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS. **Repositório Institucional de Geociências** - RIGEO-CPRM. Disponível em: <<http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/20479>>. Acesso em: 5 set. 2021.
- CROFTS, R.; GORDON, J.E.; BRILHA, J.; GRAY, M.; GUNN, J.; LARWOOD, J.; SANTUCCI, V.L.; TORMEY, D.; WORBOYS, G.L. **Guidelines for geoconservation in protected and conserved areas**. Best Practice Protected Area Guidelines Series, n. 31. Gland, Switzerland: IUCN. 2020.
- CUNHA, A.; PEREIRA, H.; SOUZA, B.; MEYER, JUNIOR.; MENEZES, P. **The evolution of long-distance trails in Brazil and future perspectives**. International Journal of Wilderness, v. 26, n. 2, 2020. Disponível em: <<https://ijw.org/long-distance-trails-in-brazil/>>. Acesso em: 02 set. 2020.
- DANTAS, M.E.; MORAES, J.M.; FERRASSOLI, M.A.; JORGE, M.Q.; HIQUIAS, V.A. **Geodiversidade do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: CPRM, 2020.
- DIAS, A.L. **Toponímia dos primeiros municípios tocantinenses**. 2016. 207f. Tese (doutorado em linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, 2016.
- DICK, M.V.P.A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- DIEDRICH, M.H. **Topônimos e História ambiental no Rio Grande do Sul**. 2020. 356f. Tese (doutorado em ambiente e desenvolvimento) - Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento. Universidade do Vale do Taquari. Lajeado, Rio Grande do Sul, 2020.
- GRAY, M. **Geodiversity: Valuing and Conserving Abiotic Nature**. 2. ed. Londres: John Wiley & Sons. 2013.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Itaipava: região sudeste do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. 1 carta topográfica, color., 4465 x 3555 pixels, 5,50 MB,

jpeg. Escala 1:50.000. Projeção UTM. Datum horizontal: marégrafo Imbituba, SC, Datum vertical: Córrego Alegre, MG. Folha SF-23-Z-B-I-4-MI-2715-4. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/folhas-topograficas/15809-folhas-da-carta-do-brasil.html>>. Acesso em: ago. 2021.

_____. **Petrópolis: região sudeste do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. 1 carta topográfica, color., 4465 x 3555 pixels, 5,50 MB, jpeg. Escala 1:50.000. Projeção UTM. Datum horizontal: marégrafo Imbituba, SC, Datum vertical: Córrego Alegre, MG. Folha SF-23-Z-B-IV-2. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/folhas-topograficas/15809-folhas-da-carta-do-brasil.html>>. Acesso em: ago. 2021.

ICMBIO - INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **PARNASO (Parque Nacional da Serra dos Orgãos)**. Caminhos da Serra do Mar. 2016. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/destaques/167-caminhos-da-serra-do-mar.html>>. Acesso em: ago. 2021.

INEA - INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE. **Portal GeoINEA**. Disponível em: <<https://www.arcgis.com/apps/MapSeries/index.html?appid=00cc256c620a4393b3d04d2c34acd9ed>>. Acesso em: ago. 2021.

MENEZES, P.M.L.; SANTOS, C.J.B. **Geonímia do Brasil: pesquisa, reflexões e aspectos relevantes**. Revista Brasileira de Cartografia, n. 58/02, ago. 2006.

MONTES, V.M.; COSTA, D.A.; FERREIRA, L.B.; CARDOSO, L.P.; FILGUEIRAS, P.R.P.; ASSUMPÇÃO, R.S.F.V. **Atlas da Região Hidrográfica IV – Piabanha**. Agevap. Petrópolis. 2019.

NETO, W. **Guia de Trilhas de Petrópolis**. Rio de Janeiro: edição do autor. 2008. 224p.

OSM (OPENSTREETMAP). **OpenStreetMap**. Disponível em: <<https://www.openstreetmap.org>>. Acesso em: ago. 2021.

PESSOA, F.A. **Geodiversidade e Interpretação Ambiental em Trilhas – Travessia Petrópolis-Teresópolis**, Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ). 2019. 140f. Tese (doutorado em geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

PITZER, L.S.; CARIUS, J.M.C.; SA, B.R.F.; CHAVES, L.D.; SANTOS, B.C.; SALOMAO, M.S.; PORRETTI, M.F.; PESSOA, F.A. **Expedições do CEFET/RJ no projeto de trilha de longo curso Caminhos da Serra do Mar**. In: 9º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade, 2020. Três Rios, RJ. Anais[...]. Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2020.

SANTOS, C.J.B. **Geonímia do Brasil: A Padronização dos Nomes Geográficos num Estudo de Caso dos Municípios Fluminenses**. 2008. 340f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

SANTOS, K.S. **Toponímia e Cartografia Histórica de Teresópolis: Paisagem, Lugar e Significados**. 2017. 190f. Dissertação (mestrado em geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

- SCHNEIDER, M. **Um olhar sobre os caminhos do Pantanal Sul-Matogrossense: a toponímia dos acidentes físicos**. 2002. 173f. Dissertação (mestrado em Letras) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, 2002.
- SHINZATO, E; DANTAS, M.E; RENK, J.F.C; GARCIA, M.L.T; COSTA, L. **Carta geomorfológica: município de Petrópolis**, RJ. Rio de Janeiro: CPRM, 2017. Escala 1:80.000. Disponível em: <<https://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/18182?show=full>> Acesso em: 02 jun. 2021.
- SOUZA, B.C.P. **Os nomes geográficos de Petrópolis e a imigração alemã: memória e identidade**. 2014. 161f. Dissertação (mestrado em geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.
- VILLALÓN, G. **Estrategia para la formación de la cultura toponímica local desde el proceso educativo escolar en secundaria básica**. Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa, Madri, v. 6, n. 1, p. 77-94, 2013.
- WIKILOC. **Travessias Cobiçado-Ventania e Uricanal**. Disponível em: <<https://pt.wikiloc.com/trilhas-corrída-em-montanha/travessias-cobicado-ventania-e-uricanal-66741351>>. Acesso em: ago. 2021.
- ZANATTA, A.L. **Histórias e Lendas das Ruas de Petrópolis**. Mimeo: Petrópolis, 2006.